

Ecumenismo – uma contribuição evangélica

Aneli Schwarz*

RESUMO

Vivemos num mundo marcado por divisões de ordem religiosa, política, geográfica, cultural, de gênero, social e de outras naturezas inúmeras. A vida humana se dá nesse universo dividido. O ecumenismo consiste numa disposição de aproximação e caminhada conjunta entre diferentes Igrejas a fim de que diferenças não tenham que ser sinônimo de divisão, mas de pluralidade e fonte de riqueza para quem se dispõe a construir a Unidade.

Palavras-chave: Ecumenismo; Cristianismo; Diálogo; Unidade; Pluralidade; Igrejas.

AO ME OCUPAR do tema “Ecumenismo”, buscando resumir alguns dos aspectos relacionados a esse assunto, não posso deixar de dizer que esse não é um tema para ser abordado brevemente. Então, a título de introdução, quero apenas mencionar que existem duas maneiras de se falar sobre o ecumenismo: uma que trata da promoção da unidade da religião cristã em todas as suas diferentes manifestações (por exemplo, entre católico-romanos, ortodoxos, metodistas, luteranos, presbiterianos, anglicanos, reformados, pentecostais etc.); e a outra que se convencionou chamar mesmo de “macroecumenismo” e se ocupa da relação entre diferentes religiões (o Judaísmo, o Hinduísmo, o Budismo, o Islamismo, o Cristianismo, o Espiritismo, o Taoísmo etc.). Minha preocupação aqui, dada a limitação, será abordar, sob traços gerais, o ecumenismo como a busca pela unidade das igrejas cris-

* Pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

tãs, apresentando o conceito de ecumenismo e sua fundamentação, um pouco dos desafios a serem encarados pelo ecumenismo e, finalmente, algumas perspectivas inerentes à questão ecumênica.

CONCEITO E FUNDAMENTAÇÃO: O QUE É, POR QUE E PARA QUE ECUMENISMO?

A origem do termo ecumenismo está na palavra grega, οἰκουμένη, que traduzida tem o sentido de “mundo habitado” ou “toda a terra”. O uso do termo *ecumene* não se limita à esfera religiosa, mas se estende a, pelo menos, outras três dimensões da existência humana: a geográfica (o espaço onde se vive, onde se dá a relação da pessoa humana com a natureza e onde se toma consciência de tudo o que envolve a pessoa); a cultural (a maneira como cada pessoa se vincula à realidade, servindo-se da linguagem, criando valores e estilos de vida, e mantendo tradições através da memória coletiva dos povos); e a política (que diz respeito ao modo como cada sociedade tenta institucionalizar o uso do poder).

É nessas quatro dimensões da vida humana que encontramos toda a diversidade que caracteriza o nosso mundo habitado; e o ser ecumênico consiste justamente numa disposição para conciliar essas diferentes dimensões ao se trilhar o rumo da unidade do povo de Deus. O mundo habitado é o espaço de atuação da pessoa cristã, é onde ela é chamada a trabalhar para superar as divisões. Contudo, nós haveremos de convir que as questões relacionadas à geografia, à cultura, à política e mesmo à religião, em si, já trazem tanta diversidade que torna enorme o desafio da unidade. Dentro dessas quatro dimensões podemos encontrar uma série de realidades que mostram o quanto esse mundo habitado está dividido. Essas divisões aparecem no campo político-ideológico (socialista x capitalista); no campo da dominação e da subordinação (países ricos x países pobres); no campo social (pessoas com oportunidades e recursos demais x pessoas privadas do acesso aos meios de produção e às condições que lhes garantam um mínimo de sobrevivência digna); divisões no campo étnico (raça superior x inferior); no campo cultural (culturas mais evoluídas desde o ponto de vista científico-tecnológico x culturas inferiores); divisões entre o ser masculino e feminino (homem-superior x mulher-inferior). Como conciliar tantas diferenças?

Vivemos num mundo habitado que está dividido. Jesus também viveu num mundo semelhante e deixou um legado a seus discípulos e discípulas: desafiou-os a darem continuidade à obra iniciada de construção do Reino de Deus. Esse era o objetivo de Jesus: construir neste mundo o Reino de Deus, um lugar onde a vontade de Deus seja soberana, onde não haja doença, fome, poder usado para dominação e não para o serviço amoroso e humilde, exploração, hierarquia imposta e outras tantas coisas mais. Também não era desejo de Jesus que seus seguidores estivessem divididos; sua vontade era a unidade para o fortalecimento do testemunho – “a fim de que o mundo creia que tu (Deus) me enviaste” (Jo 17, 21). Como cristãos, somos mensageiros da paz vivida e ensinada por Jesus. “Nossa credibilidade como tais mensageiros depende muito da nossa capacidade de vivermos em paz uns com os outros, na alegria da partilha fraterna do amor do nosso Deus” (Diversidade e Comunhão, p. 12).

É importante frisar que por mais que nos esforcemos em prol da unidade do povo de Deus, o ecumenismo não é obra ou mérito nosso e sim de Deus. Deus Pai-Filho-Espírito Santo é o exemplo de unidade a ser seguido; Deus tri-uno, diferente em suas pessoas, mas unido nos propósitos.

Ecumenismo consiste, portanto, na busca por unidade na diversidade, através do diálogo, procurando um conhecimento mútuo e recíproco entre as igrejas. Ecumenismo não é a busca pela uniformidade das igrejas ou uma tentativa de enquadrar todas as igrejas numa mesma forma ou num mesmo conjunto de práticas. De maneira alguma! Embora a divisão dos cristãos em diferentes igrejas tenha atrapalhado o testemunho cristão como um todo, as diferenças entre as igrejas, se bem usadas, podem justamente enriquecer esse testemunho e fortalecer a obra de construção do Reino de Deus. A diversidade deve ser usada positivamente para reconhecer com louvor a variedade da criação de Deus, que não foi monótono na Sua disposição dos seres e das coisas neste mundo por Ele criado. O fato de termos, por exemplo, na Bíblia, quatro Evangelhos, onde cada autor deu uma nuance específica à boa nova da salvação do mundo a partir da vinda de Cristo, é um bom exemplo de ecumenismo, cuja diversidade é respeitada e não suprimida.

Com o ecumenismo não se quer, de modo algum, uma fusão das igrejas, em que cada uma perde o que tem de próprio. O objetivo é que as igrejas se aproximem com total respeito mútuo

para olhar este mundo habitado sob a lente do evangelho de Jesus Cristo a fim de constatar onde há situações ou realidades contrárias à vontade de Deus. Uma vez feita tal constatação, a idéia é discutir sobre o que fazer, à luz do Evangelho, e, finalmente, movidos pela fé, promover e encampar ações que visem a transformação deste mundo habitado em Reino de Deus. Eu costumo dizer que a realização do Reino de Deus não é mérito dos cristãos e sim de Deus, mas a sua não-realização pode ser nossa culpa. Cristãos são instrumentos de Deus na realização de Sua vontade, mas quando não se dispõem a cumprir seu papel, são como ferramentas quebradas, encostadas num canto, sem serventia e que só tomam espaço, são um estorvo.

ECUMENISMO POR QUÊ?

Porque Jesus é o ponto de encontro de todas as igrejas que se dizem cristãs. Quando alguém se dispõe a ser discípulo/a de Cristo, deve segui-lo e imitá-lo. Ora, como justificar nossas divisões, se nosso Cristo é o mesmo?

ECUMENISMO PARA QUÊ?

Para que o mundo creia que Jesus é o enviado de Deus para trazer salvação. Essa salvação se vive ali onde o Reino de Deus está presente e acontece. Se o nosso mundo está imensamente distante daquilo que Jesus, há dois mil anos, queria que se realizasse, não podemos mais perder tempo divididos, discutindo quem é melhor ou mais dono da verdade, enquanto a desgraça humana só cresce e a criação divina como um todo é ameaçada com a destruição. (Aqui vale contar a história dos três filhos, cujo pai morreu e fez constar em seu testamento o modo como desejava que fossem partilhados os seus bens. Tinha esse pai 17 cavalos. Ao mais velho deixou a metade, ao segundo, um terço e ao terceiro, a terça parte. Como 17 não pode ser dividido por dois, nem por três e muito menos por seis, estava feita a confusão. Os irmãos brigavam entre si porque não sabiam como solucionar o impasse. Até que chegou um amigo da família montado em seu cavalo e, ao conhecer a razão da discórdia disse: “eu lhes dou o meu cavalo de presente. Podem fazer a partilha”. Aí foi fácil: 18

é divisível por dois, por três e por seis. Assim, a herança foi dividida conforme determinava o testamento do pai e ao amigo, em gratidão, foi devolvido o cavalo pela solução dada ao problema). Na relação entre as diferentes igrejas, muitas vezes falta a arbitragem de “um amigo”. Esse amigo pode ser o Jesus testemunhado na Bíblia, que de maneira alguma quer seus seguidores divididos, enquanto há tanto a ser feito.

DESAFIOS

Para que a unidade possa ser plenamente alcançada, há muitas dificuldades que precisam ser vencidas. E nesse sentido eu diria que a caminhada ecumênica está mesmo só começando. A intolerância, por exemplo, é um problema seriíssimo. É preciso criar mais espaços e momentos para o diálogo entre cristãos, mas um diálogo que exercite o respeito ao outro como um irmão, à outra igreja, como irmã. A história está cheia de pecados e erros que, é claro, não há como serem apagados, e nem o devem, porque a história pode justamente nos ensinar o mal que tais pecados promoveram. Mas se nosso rumo é para frente, não podemos ficar eternamente olhando para trás e nos acusando pelo que nossos antepassados na fé fizeram. A prática do perdão é uma das grandes capacidades do ser humano que precisa ser utilizada ao máximo na nossa relação com os outros.

A causa ecumênica depende de conversão, de mudança de mente (do grego metanoia). É preciso tentar esvaziar-se dos preconceitos e fazê-lo com sinceridade, para que o nosso ser pessoa e igreja possam ser preenchidos com sentimentos de curiosidade amorosa para com a outra pessoa e a outra igreja. Minha experiência tem sido que a abertura sincera e desarmada em relação a outras igrejas pode ajudar muito no fortalecimento da minha fé e na realização mesmo de uma autocrítica quanto ao testemunho e às práticas religiosas na minha própria igreja.

Sentimentos como “orgulho, preconceito, prepotência, vontade de dominar o outro, visão estreita da verdade, dissimulação, vaidade pessoal (e eclesial), (...) má vontade com o diferente, superficialidade no conhecimento da própria fé” (Diversidade e Comunhão, p. 17) constituem-se enormes barreiras ao ecumenismo.

Mas, o maior desafio, que eu vejo, para o ecumenismo está mesmo em, uma vez, conseguir reverter a onda antiecumênica

existente nas igrejas oficialmente ligadas a órgãos ecumênicos e, em segundo lugar, em envolver no projeto de unidade as novas igrejas que surgem a cada dia e que, pelo menos em nível estrutural e denominacional, são completamente independentes de todas as outras. Eu explico. Estão ocorrendo em muitas igrejas tradicionais, com séculos de história, manifestações expressas de contrariedade ao diálogo e à aproximação com outras igrejas. A idéia que está por trás disso é a mesma que está por trás da criação de tantas igrejas novas: nós temos a verdade e qualquer coisa fora disso é obra do diabo e não de Deus. Como luterana, não poderia deixar de usar uma das frases de Lutero quando ele disse, certa vez, “deixem Deus ser Deus”. Eu creio que muitas vezes nos arrogamos o direito de julgar como se fôssemos deuses. O querer se igualar a Deus é o pecado mais antigo registrado na Bíblia (Gn 3, 5), pecado que continua se repetindo em toda parte; e o ecumenismo, com sua proposta conjunta de unidade na construção do Reino de Deus, é uma das grandes vítimas desse pecado.

PERSPECTIVAS (O QUE ESPERAMOS PARA O FUTURO)

O ecumenismo ainda é uma planta frágil que carece de muitos cuidados. Mas eu vejo com bons olhos os ventos do Espírito que sopram cada vez mais e de direções diferentes. Uma dessas manifestações eu vejo, por exemplo, em iniciativas como a Campanha da Fraternidade 2000. O fato de pessoas de diferentes denominações se disporem a sentar juntas para discutir os problemas do nosso país e a, também juntas, realizar coisas concretas, dando mostras claras de unidade, é para mim um grande fortalecedor da esperança de unidade. Outro sinal positivo se vê em recentes acordos firmados entre igrejas cristãs no Brasil e em outros países abrindo-se para celebrações de “hospitalidade eucarística”, ou seja, que igrejas que tenham uma compreensão diferente em torno do significado da Eucaristia, em celebrações ecumênicas nas quais uma igreja recebe outra, a igreja visitante possa participar do Sacramento do Altar que será celebrado conforme o costume da igreja que hospeda a celebração.

Espero que cresça o diálogo e a aproximação entre as igrejas que já erguem a bandeira da unidade em torno da construção do Reino de Deus e aquelas que ainda se revelam claramente con-

trárias a tais iniciativas, como é o caso da maioria das igrejas pentecostais.

A fundamentação para toda caminhada ecumênica, rumo à unidade da religião cristã, encontra-se na Bíblia. Esse instrumento deverá ser crescentemente usado para convencer as pessoas, sob a luz do Espírito Santo, de que a unidade é mesmo o caminho traçado por Deus para ser trilhado pelos seus.

E como sonhar não custa nada, também espero que cresça o diálogo entre os diferentes órgãos ecumênicos e as três religiões abraâmicas (o Cristianismo, o Judaísmo e o Islamismo). Mesmo que essa questão diga respeito ao macroecumenismo, que eu apenas mencionei, é bom dizer que alguns passos já vêm sendo dados nesse diálogo e esses devem seguir se firmando para que as divisões no mundo habitado possam ser progressiva e, um dia, plenamente erradicadas. Certamente uma maior aproximação entre essas religiões também ajudará na construção da paz na Palestina.

ABSTRACT

We live in a world marked by divisions of a religious, political, geographical, cultural, gender and social order, to mention a few. Human life takes place in this divided universe. Ecumenism consists of a willingness of various Faiths to approach each other and march together so that differences do not mean division, but plurality and a source of richness to those who wish to construct Unity.

Key words: Ecumenism; Christianity; Dialogue; Unity; Plurality; Churches.

Referências

CLAI/CONIC. Diversidade e Comunhão. **Um convite ao Ecumenismo**. São Paulo: Paulinas, 1998. 50p.

SANTA ANA, Júlio H. de. **Ecumenismo e libertação**: reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o reino de Deus. Petrópolis: Vozes, 1987. 317p.